

O CORPO INSURGENTE DE LUNGA: PEDAGOGIAS OUTRAS NO TERRITÓRIO GEOPOLÍTICO DE BACURAU

Robério Manoel da Silva ¹

RESUMO

O filme *Bacurau* apresenta Lunga como alguém não fundamentado por retóricas da normatividade, ou seja, apropriamos do enunciado da trama para ressignificar a subjetividade da personagem, tendo em vista não a configurar à subalternização do sistema cultural hegemônico. As figuras do cinema, da TV, de séries, em grande parte, têm identidades de gênero e de sexualidades ligadas ao escracho, às marginalidades e pessoas LGBTQIAPN+ situadas fora-de-lugar, quando não correspondem aos gestos das masculinidades tóxicas. Este estudo trata da ideia de se repensar corpos possíveis, de encenar sujeito diferente da prática da cisnormatividade comum, enaltecendo a homossexualidade no filme, promovendo uma reflexão do espaço onde Lunga se constitui enquanto sujeito demarcado por um complexo de forças atuantes. A imagem retratada da personagem no filme revela um estranhamento, visto que desconstrói o centro do poder operante, fazendo emergir outras existências, sendo um entre-lugar que promove direitos aos corpos, aos desejos, a fala. A reflexão, portanto, objetivou considerar as questões aqui elencadas. A pesquisa evidenciou a importância da representação de corpos dissidentes no cinema como ferramenta de reflexão sobre identidades, pertencimento e resistência no contexto geopolítico contemporâneo ao perceber o reconhecimento de outras existências possíveis, inseridas em espaços de resistência, potência e reinvenção do sujeito.

Palavras-chave: Lunga, Corpo, Sexualidade.

INTRODUÇÃO

O projeto Modernidade/Colonialidade constituiu-se como uma das mais potentes chaves de leitura para compreender o modo como se produziram subjetividades sob a lógica do colonialismo e do capitalismo. Essa matriz de poder instaurou não apenas um sistema econômico, mas um regime epistêmico e ontológico que fabricou hierarquias entre os povos e naturalizou a ideia de inferioridade dos corpos não europeus. O “homem” europeu, concebido como sujeito universal, racional e patriarcal, tornou-se o paradigma de humanidade. Nesse contexto, o capitalismo consolidou a noção de liberdade associada à venda da força de trabalho, definindo os contornos de uma subjetividade moderna assentada na exploração e na desigualdade. Assim, as desconstruções de masculinidades que emergem deste cenário histórico não apenas são passíveis de transformação, mas

¹ Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Departamento de Linguística, Literatura e Artes, DLLARTES da Universidade do Estado da Bahia - BA, roberiomanoel22@gmail.com. Bolsista FAPESB.



também constituem produtos de processos sociais e subjetivos marcados por contradições e resistências.

A presente pesquisa toma como objeto de análise a produção cinematográfica Bacurau (2019), ficção escrita e dirigida por Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles, para investigar como as expressões de gênero e poder se articulam no interior das dinâmicas coloniais e capitalistas que configuram o Brasil contemporâneo. O filme, premiado com o Prêmio do Júri no Festival de Cannes, apresenta uma narrativa que ultrapassa a ficção: sua trama retrata uma comunidade sertaneja que, diante da invasão estrangeira e da violência simbólica e material, reage de forma insurgente. A obra torna-se, assim, um espelho crítico das tensões político-sociais latino-americanas e da resistência dos corpos coletivos que desafiam a normatividade.

A justificativa da pesquisa se sustenta na necessidade de compreender o cinema enquanto prática discursiva e pedagógica, capaz de tensionar as estruturas de poder e de visibilizar corpos e subjetividades marginalizadas. O cinema, mais do que entretenimento, é uma linguagem de disputa simbólica: ele produz sentidos, educa olhares e reconfigura imaginários. Nesse sentido, Bacurau oferece uma potente metáfora para pensar o Brasil pós-colonial e suas formas de insurgência.

O objetivo geral deste estudo é analisar de que modo o filme Bacurau desconstrói as masculinidades hegemônicas e propõe outras possibilidades de existência para corpos dissidentes, especialmente a partir da personagem Lunga, cuja identidade escapa às retóricas da normatividade de gênero e sexualidade. Como objetivos específicos, buscase: (a) examinar os elementos narrativos e visuais que expressam resistências à lógica colonial; (b) compreender como o corpo de Lunga se torna lugar de enunciação política; e (c) discutir o papel do cinema como prática pedagógica, estética e epistemológica decolonial.

Metodologicamente, trata-se de uma análise qualitativa de caráter interpretativo, ancorada em referenciais teóricos dos estudos decoloniais e de gênero. A abordagem parte da análise fílmica e da leitura crítica de cenas que problematizam as relações entre poder, corpo e masculinidade. O diálogo teórico se estabelece com autores que pensam a colonialidade do ser e do saber, bem como com estudos contemporâneos sobre corpos dissidentes e pedagogias de resistência.

As violências retratadas em Bacurau — simbólicas e físicas — são representações das engrenagens da modernidade que buscam domesticar corpos e silenciar memórias. Contudo, a narrativa cinematográfica reverte esses fluxos, expondo sociedades



“desobedientes” que negam as simetrias do mundo moderno e criam outras formas de existência. O roteiro, enquanto texto literário e político, torna-se ferramenta de denúncia e de imaginação de futuros. A personagem Lunga, ao performar uma identidade que recusa a binaridade e a heteronormatividade, encarna o gesto insurgente de uma subjetividade que se reapropria do discurso, convertendo a marginalidade em potência pedagógica.

As figuras do cinema, da televisão e das séries comumente reproduzem identidades de gênero estereotipadas, relegando sujeitos LGBTQIAPN+ a papéis de escracho, marginalidade ou subalternidade. Em contraponto, Bacurau reverte essa lógica, apresentando um sujeito fora dos moldes da masculinidade tóxica e afirmando o direito à diferença. A imagem de Lunga materializa o estranhamento, o deslocamento e a interpelação ao olhar dominador. O filme, assim, se torna um espaço de saber e poder no qual emergem novas existências que reivindicam o direito aos corpos, aos desejos e à fala.

Conclui-se que o cinema, enquanto linguagem estética e política, pode operar como um campo de resistência decolonial e pedagógica. A análise de Bacurau revela que, ao tensionar o projeto de modernidade/colonialidade, a arte fílmica abre espaço para a invenção de outras formas de humanidade e de convivência, desafiando as narrativas hegemônicas que ainda insistem em normatizar a vida.

FICÇÃO E INSURGÊNCIA: PEDAGOGIAS DO CORPO NO CINEMA DE BACURAU

Os signos trazidos na produção cinematográfica de *Bacurau* são exemplos claros de que as manifestações culturais estão presentes em todas as esferas, ao mesmo modo, o projeto modernista opera para tentar conter esta força motriz de sujeitos e produções artísticas e acadêmicas que desmantelam as linhas tênues do desejo de ordem social da subalternidade. No filme, o retorno da Lunga recria o conceito de herói criminoso do tempo do cangaço, numa referência nítida àqueles homens e mulheres que eram obrigados a viverem fora da lei, contra a violência dos males do monopólio da terra, deste modo: “Num meio em que tudo lhe é adverso, podia o homem no campo permanecer inerte, passivo, cruzar os braços diante de uma ordem de coisas que se esboroa sobre ele? (FACÓ, 1976, p. 30). O Cangaço é uma fonte extraordinária de expressão crítica da cultura nordestina, desde o movimento construído pelas vias da marginalização até os



A personagem Lunga, elucida o processo de renúncia da fundamentação lógica do conhecimento moderno, contribuindo para a desconstrução do aparato conceitual, abrindo discussões epistemológicas e metodológicas para a produção de um conhecimento diferente, que visa outras margens. Podemos perceber que para estes tipos de corpos e gêneros Butler (2015) argumenta que são naturalizados quando conferidos por uma



matriz heterossexual, para os corpos serem coerentes e fazerem sentido o masculino deve expressar a virilidade do macho e o feminino a fragilidade da fêmea. Neste contexto, pensar deslocamentos de personagens em filmes que burlam espaços heteronormativos, sem dúvida nenhuma, desenterra sujeitos encaixotados subalternizados e com isso, as escritas de *Bacurau* propositalmente sugerem personagens que operam nas bordas, nos conduzindo a entender o lugar da política *Queer*, onde se “(...) adota a etiqueta da perversidade e faz uso da mesma para destacar a ‘norma’ daquilo que é ‘normal’, seja heterossexual ou homossexual. *Queer* não é tanto se rebelar contra a condição marginal, mas desfrutá-la” (GAMSON, 2002, p. 151).

Lunga representa uma figura icônica de acordo com Gamson (2002), pois revela facetas de um cangaceiro *queer*, um macho sertanejo desconstruído que vai imprimir a justiça social, se mostrando e agindo como verdadeiro marginal desobediente e não dócil, como bem postula Louro: “Mesmo que existam regras, que se tracem planos e sejam criadas estratégias e técnicas, há aqueles e aquelas que rompem as regras e transgridem os arranjos” (LOURO, 2020, p. 16). Reunir em torno de discursos que se realizam em outros polos opera num modo de agenciar a performance de corpos e de sujeitos fora de lugares-comuns, destacando outros corpos em outras culturas. É, sem dúvida, um espaço de potência política que faz com que Lunga relate e se relate no centro, entre centro e linhas desterritorializadas.

O CANGACEIRO QUEER: ENTRE A JUSTIÇA SOCIAL E A PEDAGOGIA DA DESCONSTRUÇÃO DO CORPO DISCIPLINADO

O reconhecimento da figura de um cangaceiro *queer*, que traz consigo uma herança da justiça social e que estranha o normativo apontado no corpo disciplinado, mostra os sujeitos como reconhecíveis pelos enunciados criados e não sedimentados pela natureza, sendo: “Um pouco (ou muito) de tudo isso parece estar implicado num movimento e numa teoria que, quase ao final dos anos 1990, emergiram a partir dos movimentos e estudos gays e lésbicas” (LOURO, 2020, p. 95). Esta discussão abre caminho para que os corpos performatizem sempre pelo olhar do performatizado, tal como Butler (2017) sugere.



Agamben trata de *dispositivo*², a partir da ótica de Foucault e de Deleuze, considerando cada *dispositivo* como posicionamento, a maneira pela qual se produz a multiplicidade e, de acordo com a singularidade, mostra ser pontos chave para discriminar outros meios discursivos em que se detém os *dispositivos* o que a personagem Lunga, dentro do eixo local no âmbito tradicional, revela a expressão de corpos que, em performance, aponta para trejeitos, gestos, movimentos que trazem embutidos as formas irreconhecíveis, assim a expressão destes corpos se enunciam de modo que chama atenção para a matriz heterossexual que delimita os padrões a serem seguidos ao mesmo, fornece pauta para os transgressores.

A nossa leitura dentro do sentido de dispositivo é desconstruir modos de vida, tendo o cinema como expressão e mote de reflexão, com personagens que criam também espaço para as relações LGBTQIAPN+. Daí a abertura para as novas possibilidades de vida, atravessada pelas diversidades e assistidas como premissa de que o corpo e a subjetividade não se superpõem, ou seja, o modo de poder aí passa por esse excesso, o que não determina a subjetividade ser individuada, identificada, humanizada, porque é por intermédio desse limite, a via nua, como Agamben (2010) afirma que se promovem as decisões entre o fazer viver e o abandonado ou entre vidas protegidas e as que são desamparadas. Como pensar o personagem de um filme que desencarna o referido lugar de discurso autocentrado pelo discurso moderno? Como o *encaixe* de relações politizáveis se detém, mas, por outro foco de enunciação, o *desencaixe* formulado por Giddens (2002) visto como rede político formaliza a ação de resistir, e aponta para outros possíveis sujeitos que encarnam em estado-devir?

Ao se questionar as metanarrativas modernas e expor o caráter histórico, contextual, inerente ao processo de colonização/construção do conhecimento, cria-se uma perspectiva epistemológica que vem provocando uma série de inquietações que despontam como um importante arsenal de análise e articulações fecundas para entender os tempos atuais na ação de desarmar poderes e *saberes dominados*³, sujeitos e contextos culturais locais que enunciam a desobediência da logicidade do discurso centralizador. A

² Para FOUCAULT, o dispositivo atua como um aparelho, uma ferramenta constituindo sujeitos e os organizando.

³ Termo utilizado por Foucault “para designar uma série de saberes que tinham sido desqualificados como não competentes ou insuficientemente elaborados: saberes ingênuos, hierarquicamente inferiores, saberes abaixo do nível requerido de conhecimento ou de cientificidade.” (1979, p. 170 e 171).



perspectiva de uma *Bacurau* diferente que em sua sinopse privilegia o núcleo temático de variadas formas de violência sociocultural, de uma realidade a qual busca dar um maior *zoom* no sentido de desconstruir as inferioridades implantadas, para depois construir propostas a partir de suas próprias diferenças que são papéis que trazem identidades que estão sendo extensamente discutidas na teoria social, segundo Stuart Hall (2015).

Em essência, o argumento é o seguinte: “as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o sujeito moderno” (HALL, 2015, p.09). Hall forma um diálogo consonante com o filme, onde identidades de sujeitos unificados são *deslocadas*⁴, consequentemente, rompe com estruturas centrais das sociedades modernas. As inter-relações desses dois pontos do discurso: Stuart Hall (2015), com a crise dessas identidades, e *Bacurau*, com a sociedade dialógica, produz uma sinergia onde se aproximam, se encontram e, principalmente, onde se diferem, trazem questões importantes para a formação do sujeito de falas. Tais feitos nos conduzem ao campo da geopolítica, deixando-nos atentos aos significados das subjetividades que no mundo moderno, as culturas nacionais em que nascemos se constituem em uma das principais fontes de identidades culturais.

A cinematografia ao atravessar paradigmas sociais, ainda que no nível simbólico, consegue captar as esferas de uma construção cultural. O reconhecimento de um cangaceiro que se percebe também como ela/dela (futurista), *Queer* em sua performance, sob a ótica do cinema promove uma espécie de justiça social, assim, o entendimento da Teoria *Queer*, assim como, qualquer teoria leva um tempo para ser compreendida, como bem destaca Louro (2020) e enfatiza esse estilo que estranha o normativo, representado pela questão do herói heterossexual normativo apontado no corpo disciplinado compõe o que Beauvoir (1980) já clamava para os estudos feministas ao afirmar que: “não se nasce mulher, torna-se” não alimentado pelo discurso biológico que limita a capacidade individual numa sujeição à espécie colocada numa situação diferente de ser macho, neste caso os sujeitos são reconhecíveis pelos enunciados criados e não sedimentados pela natureza, assim, tanto Louro (2020) e Beauvoir (1980) constrói a ideia de torna-se, por tudo aquilo que se projeta representados por movimentos de resistência para tudo aquilo que queira disciplinar.

⁴ Quando o autor usa o termo deslocamento, está sugerindo uma perda do “sentido de si”, “descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos”, gerando uma crise de identidade.



Construir uma linha de raciocínio que faça interagir autores e pensamentos implica numa série de técnicas para que possamos criar e estabelecer conexões inéditas, assim, Agamben afirma que um dispositivo trata de “qualquer coisa que tenha, de algum modo, a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, comportamentos, opiniões e discursos dos seres vivos” (AGAMBEN, 2010, p. 28). Tais *dispositivos* imagéticos de produções televisivas podem traçar com a soma da diferença com o modo de trazer outras reinvenções para o comum entre os corpos. Filmes com figuras como a personagem Lunga de *Bacurau* não serão meios retóricos, mas servirão como busca do signo político, que serão investigados na direção de corpos sexualizados em seus gêneros, ao se encenarem no saber ser sujeito diferente da prática comum.

Podemos compreender que as trajetórias masculinas são baseadas em violências epistêmicas e são executadas em detrimento das identidades tidas por tradicionais ou culturais fortalecendo o sentido de inferioridades, desigualdades e vulnerabilidade para mulheres e outros tipos de homens que não seja o homem branco heterossexual. Não há dúvida que personagens como Lunga rompem com o modelo do macho, atado à masculinidade hegemônica, seja pela representatividade do patriarcado ou pela representação da figura do cangaceiro.

O estatuto político ilumina a subjetividade de homens que contamina a retórica da heteronormatividade, ao configurar a ideia de que trata de personagens centrais de/para homens cisgêneros, dando as cartas ao poder que reina nas arenas cinematográficas. Não se trata apenas do enfoque do individual, mas do domínio cultural que se faz presente demarcando terreno em torno do complexo de forças, espaçamento e relação entre o material e o imaterial visando a criação da existência nos instantes das produções.

A figura de um cangaceiro violento com trejeitos e vestimentas que confunde o telespectador quebra paradigmas sociais e estéticos que de certa forma dialoga com a Teoria *Queer* em sua liberdade de não se classificar masculina nem feminina, sendo assim atemporal e não sexual, e nunca, jamais, normativa. Neste contexto, a personagem Lunga, em sua performance, não se prende nem a sexualidade nem tampouco ao gênero dialogando com o que Teresa de Lauretis chamou de “tecnologias de gênero”⁵, sugerindo

⁵ Termo usado por TERESA DE LAURETIS para indicar que o gênero é formado por várias instâncias tal qual a sexualidade.



que o gênero não é uma propriedade natural dos corpos, sendo um conjunto de efeitos decorrentes das políticas de Estado, do cinema, da literatura, das famílias e instituições.

Ao transitar pelo binarismo, o *entre-lugar*⁶ de Lunga mostra que o não normal pode e deve se projetar como potência para desarmar a estrutura binária, anulando os *dispositivos* de poder que constituem os sujeitos e as suas posições culturais que afetam a masculinidade hegemônica.

Com o que foi dito até aqui, fica claro que o cinema abre discussões importantíssimas e capaz de agenciar uma epistêmica subalterna e desvelar outros processos de subjetivação, com ênfase, sobretudo, em novos temas e práticas políticas, outras posturas éticas e em produções de subjetividades que desobedecem a lógica racional moderna/colonial. Destarte, fica nítido o lugar em que as cenas posicionam a personagem Lunga na discussão da dicotomia entre política e cultura, promovendo saberes e sujeitos vilipendiados pela epistemologia ocidental. *Bacurau* pode ser entendido também como uma crítica ao Colonialismo da sexualidade e de gênero?

PENSAR DESDE O SUL: PEDAGOGIAS QUE RESISTEM À COLONIALIDADE

A Geopolítica do Conhecimento “organiza-se em torno da diversificação, através da história, das diferenças coloniais e imperiais” segundo Walter Mignolo (2020). A consciência desta Geopolítica nos revela uma forma de rejeitar a crença iluminista, debates que trazem a descentralização de quem se produziu ciência por aqueles que participaram na construção do mundo moderno/colonial. Desta maneira, entendemos que uma das consequências da geopolítica do conhecimento é impedir que qualquer conhecimento eurocêntrico fale em nome de coletivos heterogêneos. A partir de sua conceituação é possível compreender que o lugar geográfico está ligado aos modos de viver, sentir e pensar, perspectiva *pluritópica*, termo utilizado por Mignolo, a utilização não no sentido avesso ao eurocentrismo e sim como um contradiscurso ao desenhar epistemologias-outras e experiências-outras.

O personagem encarnado elucida o avanço da tecnologia na arena da sexualidade, na pluralidade de papéis e identidades sexuais nos discursos políticos cinematográficos, é possível pensar o *Queer* para além da sexualidade propõe um deslizamento do lugar da sexualidade para outros lugares, como por exemplo, o campo da desconstrução política

⁶ Termo utilizado por SILVIANO SANTIAGO, forma de explicação a partir da experiência da colonização latino-americana do ponto de vista do colonizado com a própria construção de identidade da diferença.



cultural. Com isso faz uma crítica do conceito de identidade de gênero gerando duas vias: um modelo tradicional da figura masculina hegemônica e a outra um modelo de masculinidade atual que vai reestabelecer a justiça independentemente do seu status quo.

Outra forma de enriquecer a discussão é evidenciar a ambiguidade que é referenciado na beleza da Lunga, que se assemelha e performatiza como uma *drag queen*. “Mais de uma identidade, mais de um gênero, propositalmente ambígua em sua sexualidade e em seus afetos. Feita deliberadamente de excessos, ela encarna a proliferação e vive à deriva, como um viajante pós-moderno” (LOURO, 2020, p. 120).

As rachaduras que carregamos em nossa genética, revela-se como estado de resistência, fazendo surgir uma contra-história que opera em todos os ritmos e em todas as direções. As lutas históricas, as renúncias, a desobediência epistêmica o sujeito revolucionário que dialoga há um tempo com as ciências sociais e humanas. Produções acadêmicas a partir do olhar do Sul do mundo revela outros caminhos além das identidades, outras experiências subjetivas, deslocando a narrativa linear e ontológica.

Lunga intercepta o domínio da ficção tornando enunciações em realidade, através de um processo que passa pelo princípio da inteligibilidade da representação, desta forma, a não obediência imprime uma outra realidade. Pelo caminho da geopolítica do conhecimento, leva-nos a reconhecer que o filme *Bacurau* com sua figura performática, a personagem pronuncia como uma alternativa da urgência de uma comunidade de diferentes, onde todos os personagens são sobreviventes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desenvolvida ao longo deste estudo permitiu compreender o filme Bacurau (2019) como uma potente narrativa de resistência, na qual o cinema se converte em linguagem política e pedagógica de contestação às normas coloniais e patriarcais. Ao apresentar Lunga como figura que desestabiliza os discursos da masculinidade hegemônica, a obra convida a repensar os modos de existência e de representação de corpos dissidentes, revelando a força simbólica do audiovisual como espaço de produção de saberes e subjetividades outras. A personagem de Lunga, situada no entre-lugar do cangaço e da queeridade, expressa o rompimento com as retóricas da normatividade e a emergência de um corpo que, conforme Butler (2017), performa a si mesmo em deslocamento contínuo. Sua presença desarticula os binarismos de gênero e questiona o olhar colonizador, instaurando um campo de resistência que, segundo Louro (2020),



desafia a naturalização das identidades e reconfigura as fronteiras do reconhecível. Assim, a leitura do filme propicia uma reflexão sobre as pedagogias do corpo, nas quais o aprender e o ensinar são gestos políticos de reexistência.

Do ponto de vista teórico, a pesquisa contribui para o debate sobre a geopolítica do conhecimento (MIGNOLO, 2020), ao propor que os saberes sobre gênero, corpo e cultura sejam compreendidos a partir de uma perspectiva pluritópica, ou seja, enraizada em experiências localizadas e abertas à multiplicidade de vozes. Essa descentralização do olhar epistemológico evidencia que o cinema pode ser entendido como prática decolonial — um lugar de enunciação a partir do Sul, que rompe com a pretensa universalidade eurocêntrica e amplia o campo das pedagogias críticas contemporâneas. No âmbito da comunidade científica, este trabalho oferece subsídios para reflexões interdisciplinares entre educação, gênero e arte, demonstrando que o estudo de representações audiovisuais pode iluminar dimensões formativas e políticas da subjetividade. A análise de Bacurau reforça a relevância de se incluir produções culturais periféricas e latino-americanas nos debates sobre currículo, identidade e resistência, contribuindo para o avanço das pesquisas em pedagogias decoloniais e estudos culturais queer.

Por fim, a investigação aponta para a necessidade de novos estudos empíricos que explorem a recepção de Bacurau em contextos educativos, culturais e comunitários, bem como a ampliação das análises sobre outras obras cinematográficas que abordam corpos dissidentes e práticas insurgentes. Pensar o cinema como campo pedagógico significa reconhecer sua capacidade de formar olhares críticos, questionar normas e inventar mundos possíveis — mundos em que as diferenças não sejam apagadas, mas celebradas como força criadora e transformadora.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. *Homo Sacer I: o poder soberano e a vida nua*. 2ª Edição. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2010.

BACURAU. Direção: Kleber Mendonça Filho, Juliano Dornelles. Pernambuco: *Vitrine Filmes*, 2019.

Beauvoir, Simone de. *O Segundo sexo, vol. II. A experiência vivida*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980.

BUTLER, Judith. *Quadros de Guerra: quando a vida é passível de luto?* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.



BUTLER, Judith. *Um relato de si*. In: *Relatar a si mesmo. Crítica da violência ética*. Tradução Rogério Bettoni. Posfácio Vladimir Safatle. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017, p. 13-55.

FACÓ, Rui. *Cangaceiros e fanáticos: gênese e lutas*. 4ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Tradução e Organização de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

GIDDENS, Anthony. *As Consequências da Modernidade*. São Paulo: UNESP, 2002.

HALL, Stuart. *A identidade na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu Silva & Guacira Louro. Rio de Janeiro: Editora Lamparina, 12ª Edição, 2015.

LAURETIS, Teresa De. *A tecnologia do gênero*. Tradução de Suzana Funck. In: HOLLANDA, Heloisa (Org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206-242.

LOURO, Guacira Lopes. *O corpo estranho. Ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

MENDONÇA FILHO, Kleber. *Três roteiros: O som ao redor – Aquarius – Bacurau*. São Paulo: Companhia das Letras, 1ª Edição 2020.

MIGNOLO, Walter D. *Histórias locais / projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Tradução de Solange Ribeiro de Oliveira. 1. ed. rev. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2020.

SANTIAGO, Silviano. *“O entre-lugar do discurso latino-latino americano”. Uma literatura nos trópicos. Ensaios sobre dependência cultural*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

